DOMUS FRATERNITAS

Para uma vida em abundância

A Igreja Católica, enquanto Igreja Universal, manifesta-se nas suas dioceses (Igrejas Particulares) mediante um critério de comunhão, pois esta consegue articular a diversidade e testemunhar a unidade (CD 11).

Com efeito, a Igreja em Portugal nas suas 20 dioceses quis outrora marcar a graça do Jubileu do ano 2000 com um projecto que as unisse na generosidade, a fim de responder solidariamente a problemas emergentes na sociedade.

Tratava-se dum sinal que pretendia dar ênfase a um sonho da Ordem Franciscana em Portugal. Movida pelo amor de Francisco de Assis, esta quis um monumento que sublinhasse a imagem de um mundo que deve ser *casa de fraternidade*, com todos e para todos: *Domus Fraternitas*.

Neste contexto, também a Arquidiocese de Braga não se contentou com um gesto isolado, resultado dum único contributo penitencial, mas insistiu na ideia durante várias quadras Quaresmais. O próprio percurso da Ordem Franciscana também não foi fácil. Por isso, procuramos estar lado a lado, para juntos partilhar essa responsabilidade, segundo a norma do Bom Samaritano que vê, responde e gasta o dinheiro necessário com os que sofrem na margem da vida.

Deste modo, aqui, neste sítio bem alto e visível para a cidade, nasceria esse espaço que acolhia e interpelaria a muitos outros gestos de acolhimento no quotidiano das pessoas (Centro de Acolhimento *O Poverello*).

O “monumento” a Cristo Redentor tem a marca franciscana, expressa a solidão dum país e mostra uma gota de generosidade da Arquidiocese. Subjacente a esta aventura estava sempre Cristo, que deu a “vida para que todos tenham vida” (cf. Jo 10,10). A vida é dignidade em qualquer condição ou fase (cf. GS 27)

Particular exigência merece os momentos finais da peregrinação terrena. Aí a vida deve tornar-se mais digna por todo um percurso que foi efectuado. Logo, ter

compaixão significa “revelar que a pessoa tem valor e que Deus habita nela. É ajudá-la a ir até ao fim daquilo que ela pode viver.”¹

Daí que esta casa não tem luxos. Só quer que a passagem para a vida sem ocaso seja interpretada em felicidade. Apraz-me sublinhar e congratular-me com a feliz ideia de chamar ao espaço tradicional da capela mortuária de *Pórtico da Vida*.

Nem todos querem acreditar na dimensão da eternidade. Sabemos que a vida é simples passagem e que entraremos no Reino da igualdade, fraternidade e verdadeiro amor.

O entrar neste Pórtico deve interpelar quantos ainda rejeitam que o mundo de hoje é uma ante-câmara duma vida diferente na qual se acredita e, particularmente, pela qual se luta.

Neste dia, não quero só alegrar-me por esta inauguração. Apetece-me gritar que precisamos de deitar fora comportamentos de egoísmo, para passar o Pórtico e entrar numa vida onde a esperança se respira, a inter-ajuda se concretiza e a caridade se revive nas suas diversas manifestações.

Por fim, esta inauguração significa assim o cumprimento daquela promessa da Igreja em Portugal por ocasião do Ano Santo do Redentor (2000). Ao declarar inaugurada a *Domus Fraternitas*, continuamos no espírito duma efectiva proclamação da actualidade de Cristo: o Cristo de ontem, hoje e sempre.

Reconhecemos a Sua presença na história, mas queremos com Ele, e por causa d’Ele, continuar a aventura dum cristianismo comprometido com todas os seres humanos, particularmente, os mais carenciados de amor e de carinho para que todos possuam “vida e vida em abundância”.

+ Jorge Ortiga, A. P.
17 de Outubro de 2011

¹ José Tolentino Mendonça, *O tesouro escondido*, 41.